

SINTOMA OU FANTASIA?

Flávio Eustáquio Bertelli*

O texto que leio agora – sobre o tema Perversão, Ideologia e Política - é o primeiro de uma seqüência de três, elaborados depois de quase um ano de trabalho. A complexidade do assunto e principalmente seu ineditismo nos levam a agradecer, primeiramente, à Comissão Científica, por meio de sua presidenta, Eliana Rodrigues Pereira Mendes, pela oportunidade de coordenar o trabalho deste grupo. Meus agradecimentos também a seus participantes, por terem aceitado meu chamado para tal empreitada. O aprendizado com eles e o compartilhamento saudável de troca de idéias, conhecimentos e desconhecimentos devem ser mencionados com ênfase.

O primeiro grande obstáculo é a questão conceitual. Ideologia, política e perversão são termos complexos nas suas compreensões em qualquer área do saber. Nos Congressos de psicanalistas é pouco comum o interesse pelo tema. A psicanálise em extensão, entretanto, vem ganhando espaço, tanto nas associações psicanalíticas quanto nas universidades permitindo, assim, o avanço das discussões interdisciplinares.

Já na virada dos anos vinte, nas formulações de sua teoria pulsional - a segunda tópica, Freud reconhece ser a *especulação* um legítimo exercício de argüição, motivado pela curiosidade científica¹ Sua metapsicologia é permeada, a partir dali, também como uma teorização, um fantasiar metapsicológico, ainda que ele afaste explicitamente a possibilidade de que tais fundamentos possam ter alguma adscrição de seu pensamento a qualquer escola filosófica.

“Mesmo quando meu pensamento se distancia da observação, tenho evitado aproximar-me da filosofia propriamente dita. Assim, a ampla coincidência existente entre a psicanálise e a filosofia de Schopenhauer e Nietzsche não pode ser entendida no sentido de uma inspiração da teoria psicanalítica nessa filosofias.”²

O Conhecimento humano foi definitivamente marcado pelo pensamento freudiano. Sua teoria, *seu invento*, influenciou o trabalho de filósofos, sociólogos, antropólogos, teólogos, cientistas, poetas, seresteiros e namorados, transcendendo em muito seu objetivo puramente terapêutico.

De outro lado, o filósofo e economista Karl Marx marcou sua trajetória pela vasta obra escrita e pela participação intensa nos movimentos sociais do final do séc. XIX. Marx, como Freud, ainda tem influência decisiva nos estudos contemporâneos.

Fundamentalismos de todas as feições, violências inauditas praticadas e sofridas por indivíduos e seus agregados, manifestações inequívocas de desamparo, tudo isso foi gerando uma possível “marca” do nosso tempo, malgrado todo o crescimento da ciência e suas relações estreitas com as tecnologias de produção de bens e valores da sociedade hodierna.

Alguns ideólogos e estudiosos da sociedade pós-industrial pregam o “fim da história”, outros, um “choque de civilizações”, outros apontam a mobilização coletiva como algo superado e sem retorno, uma “era do vazio”, onde os indivíduos são só levados, assujeitados, numa brutal perda de subjetividade, nunca presenciada. Outros pregam abertamente a solução niilista de um “laissez-faire” drogadito bem à frente do hedonismo até então conhecido e praticado. A produção do gozo e de um “além do princípio do prazer” seriam tatuagens dessas novas conformações sócio-psicológicas?

¹ *Análisis Terminable y interminable*, vol. XXXIII. Amorrortu. Arg.

²²² *Presentación autobiográfica*, vol. XX, ob. citada.

*Sociólogo e psicanalista. Membro do CPMG, EBEP e da ABMP.

A perversão, com uma nova apresentação, terá substituído a paranóia como o “discurso da sociedade”? A política deixou de ser o “locus” principal das discussões entre os grupos que “representam” seus interesses? Afinal, qual será o papel da ideologia hoje? É possível propor algum ponto de contato ou conexões entre os três temas?

Essas e outras questões serão objeto deste estudo. Nossa intenção é criar um caminho propício, do ponto de vista metodológico, para a ligação entre os temas.

Tentaremos utilizar referenciais contemporâneos: Em outras palavras, nossas fontes serão estudiosos do recente século passado e do início deste século XXI, sem deixar, quando necessário, de recorrer aos grandes pensadores, notadamente Freud e Marx.

A dimensão ideológica está intrinsecamente inserida na realidade, mas não deixa de ser imaginária: ela existe e é real à medida em que é uma imagem, tendo os atributos de irrealidade e irrealizabilidade, que acabam afirmando o que há de real nela.

Na perspectiva ideológica, qual seria a relação entre idéias e valores de liberdade e igualdade com o sistema de trocas? No sistema de mercado, paradoxalmente, todo o mundo *precisa querer* a liberdade e a igualdade, mas elas não podem realizar-se. Será então que o discurso do mercado é meramente uma retórica? A sociedade pode funcionar sem um mercado que se regula por si mesmo?

“A teoria da ideologia exclui esta opcionalidade das teorias políticas, não só porque os “valores” como tais têm origens inconscientes e de classe mais profundas que os da mente consciente, mas também porque a própria teoria é uma espécie de forma determinada pelo conteúdo social, e reflete a realidade social de maneiras mais complicadas do que uma solução “reflete” seu problema.”³

Na verdade, o mercado e toda a retórica que o acompanha foram concebidos para garantir um deslocamento do conceito de produção para os de distribuição e de consumo. A ideologia do mercado não deve ser buscada no mercado em si, mas na associação entre seu aspecto metafísico e a natureza humana. Neste sentido, o valor econômico de um bem tem tanta importância quanto os atos simbólicos:

“Permitam-me enfatizar mais uma vez que a produção de bens não é a mesma coisa que o produto nacional, tal como habitualmente medido, mas inclui os filhos, o companheirismo, a saúde e uma variedade de outros bens.”⁴

A descrição do consumo contém, tanto o processo quanto o “ato” da produção de um bem ou um serviço, ou *valor de uso*, que pode ser qualquer coisa. O modelo de mercado, principalmente o pós-moderno é, pois, escandalosamente, um modelo de produção. Tal descrição sustenta que a partir da difusão da psicanálise, da evaporação gradativa da alteridade, num globo que vai encolhendo e numa sociedade invadida pelos meios de comunicação, poucas coisas podem ser consideradas “irracionais” no sentido de um “compreender” diltheyano – *Vestehen[compreender]*, não importa o que se pense delas. Trata-se de uma visão equivocada da teoria psicanalítica, que nunca foi buscar em Dilthey qualquer referência deste tipo.

De fato, no mundo pós-moderno, é a própria idéia do mercado aquela consumida pela satisfação dos que a praticam, num delírio montado em cima de um bônus excedente, de um excesso .

³ Jameson, Fredric, in “Um mapa da ideologia”, ed. Contratempo, 1966, pág. 283.

⁴ Becker, Gary, apud op. cit., pag. 286.

As reflexões de Marx sobre a circulação mercantil parecem trazer uma homologia em dois conceitos que habitualmente são considerados muito diferentes entre si: o “*bello ominium contra omnes*” [guerra de todos contra todos], de Hobbes, e a *mão invisível*, de Adam Smith (ou a astúcia da razão, de Hegel...). O que Hobbes teme é justamente o que dá confiança a Smith. A diferença passa, assim, a não ser político-ideológica, mas histórica: Hobbes aponta o poder estatal para domesticar e controlar a natureza das competições humanas; para Smith, o mercado exerce, sozinho, a domesticação e o controle, não mais necessitando do Estado absoluto.

A ideologia do mercado tenta demonstrar que os seres humanos estragam tudo quando tentam controlar seu destino, e que é uma felicidade possuímos um mecanismo interpessoal – o mercado – capaz de substituir a arrogância humana de decidir segundo seus desejos, por critérios de razão. Só precisamos mantê-lo bem lubrificado, limpo, ele cuidará de nós e nos manterá nos eixos.

Tendo como poderoso auxiliar a mídia, a tendência de identificar o produto pela sua imagem – marca, logotipo, a simbiose íntima se efetua, descaracterizando as fronteiras entre um e outra. O consumo do próprio processo de consumo gera um bônus tecnológico de prazer, proporcionado pelos novos equipamentos, que poderiam ser perfeitamente enquadrados como *gedgats* de que nos fala Lacan, assim como Débord⁵ desenvolve sua teoria da sociedade do espetáculo baseado *na imagem como forma final* de reificação da mercadoria. Aqui os próprios processos narrativos e ou de entretenimento são reificados, transformando-se numa nova mercadoria. Assim, Jameson, com felicidade, fala de um princípio de Heisenberg da cultura de massa, que intervém entre o olho e a coisa em si, “*a tal ponto que os teóricos acabam unindo suas vozes na nova doxa de que o “referente” não existe mais.*”⁶

Recentemente, num artigo publicado no jornal *A Folha de São Paulo*,*⁷ Slavoj Žižek, filósofo, sociólogo e teórico refinado da teoria lacaniana, reafirma sua proposta de analisar a sociedade contemporânea através dos sintomas de uma *razão cínica ampliada*, e como tal, com traços perversos, onde articula de forma substantiva elementos da ideologia, da política e da psicanálise.

Valendo-se das obras de Kant, Hegel, mas principalmente de Marx e de Peter Sloterdijk, de um lado, Freud e Lacan, do outro, Žižek organiza um vasto material para analisar acontecimentos atuais, do qual iremos nos valer a partir de agora, para prosseguir.

Segundo Žižek, citando literalmente Lacan, a noção de sintoma foi inventada por Marx. Neste sentido, no lugar de várias concepções analíticas encontradas na pós-modernidade, *A Interpretação dos Sonhos* de Freud explicaria bem melhor os *acontecimentos* políticos da ideologia do mercado, dos fundamentalismos e das guerras, hoje comuns na “convivência humana”.

A importância disto é reconhecer que existiria um sintoma nos acontecimentos políticos, assim como na clínica psicanalítica. Ao contrário do que se poderia supor, entretanto, não existe a proposta de uma *clínica do social, ou da sociedade*, de modo a criar-se uma terapêutica sociológica. Da mesma maneira, não haveria receitas milagrosas ou indicações racionais dos sábios, para que governos e outras fontes do poder político pudessem utilizar-se em favor das grandes maiorias de pobres, miseráveis e super-miseráveis do mundo.

⁵ Débord, Guy, *A sociedade do espetáculo*, Ed. Contraponto, RJ, 1997

⁶ Jameson, Fredric, *ob. cit.*, pag. 295.

⁷ *A Folha de São Paulo*, caderno Mundo em 26.03.2004.

Tal como citado alhures, a razão principal disto é que existiria uma homologia fundamental entre os métodos interpretativos de Marx e de Freud. Tanto na teoria do mercado de Marx, quanto na teoria freudiana da perversão, o *fetichismo* é o umbigo que as liga. No dizer de Zizek:

“O entendimento teórico da forma dos sonhos não consiste em desvendar, a partir do conteúdo manifesto, seu “cerne oculto”, os pensamentos latentes do sonho; consiste na resposta à pergunta: por que os pensamentos latentes do sonho assumiram esta forma, por que foram transposto para a forma de um sonho? O mesmo acontece com as mercadorias: o verdadeiro problema não é penetrar no “cerne oculto” da mercadoria – na determinação de seu valor pela quantidade de trabalho consumida em sua produção – mas explicar por que o trabalho assumiu a forma do valor de uma mercadoria, por que ele só consegue afirmar seu caráter social na forma-mercadoria de seu produto.”⁸ (grifo nosso).

Trata-se então de estabelecer uma homologia entre a *abstração real* na escala puramente econômica e o estatuto do inconsciente na criação freudiana, levando-se em conta que a abstração da troca de que nos fala Sohn-Rethel,⁹ não é o pensamento, mas tem a *forma* do pensamento.

“(…) Aqui temos uma das definições possíveis do inconsciente: *a forma de pensamento cujo status ontológico não é o pensamento*, ou seja, a forma de pensamento externa ao próprio pensamento – em suma, uma Outra Cena, externa ao pensamento, mediante a qual a forma do pensamento já é articulada de antemão.”¹⁰

“A ideologia não é simplesmente uma falsa consciência, uma representação ilusória da realidade; antes, é essa mesma realidade que já deve ter sido concebida como “ideológica”: *“ideológica” é uma realidade social cuja própria existência implica o não-conhecimento de sua essência por parte de seus participantes* ou seja, a efetividade social cuja própria reprodução implica que os indivíduos “não sabem o que fazem”. *“Ideológica” não é a “falsa consciência” de um ser (social) mas esse próprio ser, na medida em que ele é sustentado pela “falsa consciência”*. Chegamos finalmente à dimensão do sintoma, pois uma de suas definições possíveis seria, igualmente, “uma formação cuja própria consistência implica um certo não-conhecimento por parte do sujeito”: o sujeito só pode “gozar” com seu sintoma” na medida em que sua lógica lhe escapa – a medida do sucesso da interpretação do sintoma é, precisamente, sua dissolução”.¹¹

A sentença dialética do universal-local, nessa dimensão ideológica, perde o sentido, à medida que, por exemplo, os ideais de liberdade e igualdade têm de incluir *um caso específico que rompe esta unidade e expõe sua falsidade*. Na produção do mercado moderno sempre aparece um novo tipo de mercadoria: a força de trabalho. Os trabalhadores que não são os donos dos meios de produção serão obrigados a vender no mercado seu próprio trabalho, ao invés do produto dele. Essa mercadoria peculiar produz uma mais-valia que excede o valor da própria força de trabalho, apropriado pelo capitalista.

O fetichismo da mercadoria é “*uma relação social definida entre os homens, que assume aos olhos dela a forma fantasiosa de uma relação entre coisas*”, escreve Marx em “O Capital”. O valor de uma certa mercadoria assume a forma de uma outra coisa-mercadoria, o dinheiro. Por isto dizemos que o valor de uma mercadoria é tal ou qual volume de dinheiro. Não haveria, pois, uma substituição do homem por coisa e sim um desconhecimento de relações entre uma rede e um de seus elementos. Marx afirma que tal desconhecimento pode ocorrer entre “as coisas” e “entre os homens”. Mercadoria A só se expressa pelo valor de uma outra, B, em equivalências, ou “o corpo de B transforma-se, para A, no espelho de seu valor”. Acrescenta em nota de pé de página, em “O Capital”:

⁸ Zizek, Slavoj, ob.citada, pág. 297.

⁹ Ver a interessante citação de Sohn-Rethel, Alfred, de que se vale Zizek na pág. 303. do seu ensaio.

¹⁰ Zizek, Slavoj, ob.citada, pág. 304.

¹¹ Idem, pág. 306.

“De certa maneira, dá-se com o homem o mesmo que com as mercadorias. Uma vez que ele não vem ao mundo nem com um espelho na mão, nem como um filósofo fichtiano para que o “eu sou eu” seja suficiente, o homem se vê e se reconhece, inicialmente, nos outros homens. Pedro só estabelece sua própria identidade como homem depois de se comparar com Paulo como sendo da mesma espécie. E com isso, Paulo, simplesmente ao se postar em sua personalidade paulina, transforma-se em Pedro no exemplar típico do gênero homo”.¹².

Esta nota antecipa a teoria lacaniana do estádio do espelho: somente ao se refletir num outro ser humano, ou, na medida em que esse outro ser humano lhe oferece uma imagem de sua unidade é que o *moi* pode chegar à sua auto-identidade. Identidade e alienação são, pois, estritamente correlatas. Ainda com Marx, “*um homem só é rei porque outros homens colocaram-se numa relação de súditos com ele. E eles, ao contrário, imaginam ser súditos por ele ser rei*”.¹³ Não podemos deixar de lembrar a afirmação lacaniana de que um louco que se acredita rei não é mais louco do que um rei que se acredita rei, ou seja, que se identifica imediatamente com o mandato de “rei”.

No mundo pós-moderno, onde as relações de produção encontram-se num estágio do capitalismo avançado, as mencionadas relações entre os homens são sempre de caráter mercantil. Existiria sempre um contrato por trás de suas relações egoístas, com cada qual agindo como um bom utilitarista. É preciso atentar para o fato de que, se no feudalismo as relações entre os homens eram de dominação estrita, sem intermediação, agora, o fetichismo se desloca das relações puramente intersubjetivas para a “relação entre coisas”. A transparência se disfarça “sob a forma de relações sociais entre coisas, entre os produtos do trabalho”.(Marx).

“*Sie wissen das nicht, aber sie tun es*”(disso eles não sabem, mas o fazem). Esta frase de Marx talvez seja a definição mais sucinta de ideologia. Nesta perspectiva, o próprio conceito contém uma certa ingenuidade que pode ser considerada mesmo como constitutivo dele. A diferença entre a realidade social, a representação distorcida dela, ou nossa *falsa consciência*, implica pensar se a própria realidade pode reproduzir-se sem uma *mistificação ideológica*. Estaríamos aqui no conceito clássico de ideologia como falsa consciência, um desconhecer a realidade social que faz parte dessa mesma realidade. Paradoxalmente, a ideologia criaria a figura do alienado e daquele que não se aliena...

“Eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim, o fazem” dirá Sloterdijk¹⁴. Cai o atributo da ingenuidade da razão cínica como afirmara Marx, tornando-se um paradoxo de uma falsa consciência esclarecida:

“sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas, ainda assim, não se renuncia a ela.”¹⁵

É importante mencionar que Zizek faz uma leitura original do cinismo em Sloterdijk, porque separa nitidamente as duas formas dele aparecer: numa, representando a rejeição popular à cultura oficial, através da ironia e do sarcasmo, utilizando um método mais pragmático do que argumentativo. Noutra, revela-se como resposta da cultura dominante à subversão do outro feitio. Ele, o cinismo, leva em conta e reconhece o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica e da realidade, mas encontra razões para conservar a máscara. Não tendo conotação de moralidade, parece ser a própria moral posta a serviço da imoralidade.

¹² Idem, citação feita por Zizek, Slavoj, pág.309.

¹³ Idem, ibidem, pág. 309.

¹⁴ Sloderkjc, Peter, “A crítica da razão cínica”, citação de Zizek, na ob.cit.

¹⁵ Zizek, Slavoj, ob. cit., pág. 313

“(...) o modelo da sabedoria cínica é conceber a probabilidade e a integridade como uma forma suprema de desonestidade, a moral como uma forma suprema de depravação, e a verdade como a forma mais eficaz da mentira. Este cinismo, portanto, é uma espécie de perversa “negação da negação” da ideologia oficial. (...) Como disse Bertold Brecht na Ópera dos três vinténs, “que é o roubo de um banco, comparado à fundação de um banco?”¹⁶

Tocando em alguns temas importantes da visão marxiniiana, o autor que estamos referenciando sai em busca de uma superação da concepção da ideologia de Marx, mas ainda se utilizando do seu conceito de reificação (“por trás das coisas, da relação entre as coisas, devemos identificar as relações sociais, as relações entre os sujeitos humanos”). Buscando a leitura psicanalítica, principalmente na teoria lacaniana da fantasia e do imaginário, devemos especular sobre a “fantasia ideológica” – uma inversão fetichista - introduzida pelo lado do *fazer*(a ato lacaniano) das pessoas, não só no que *pensam* ou *sabem*. Com efeito, tal ilusão é inconsciente, no estrito sentido freudiano: a instância cínica é um dos modos para nos cegarmos ante o poder estruturante da fantasia ideológica. Continuaremos a fazê-las, tanto uma quanto a outra.

Neste sentido, voltamos a idéia/desejo da igualdade e da liberdade, que, apesar de não serem possíveis na realidade, porque mascaradas por uma forma particular de exploração, continuaremos a “perseguí-las”, o que nos leva a indagar: vivemos hoje numa sociedade pós-ideológica?. Se os argumentos apresentados surtirem seus efeitos, estaríamos longe da resposta afirmativa.

Em recente trabalho onde expõe sua tese de mestrado, nosso colega, Wagner Siqueira Bernardes¹⁷, de forma peculiar, aborda a problemática da perversão. Para Wagner, após uma minuciosa cartografia da obra de Freud, hermenêutica, o famoso aforismo freudiano *a neurose é o negativo da perversão*, “não recobre toda a complexidade do tema, propondo trabalhar a partir do conceito de “gêmeos do seu oposto”, citado por Freud, de autoria do lingüista Karl Abel.¹⁸ Qualquer conceito só é passível de ser comunicado quando medido pelo seu oposto, bem como só pode existir ao evocar simultaneamente seu contrário.

O autor sublinha sua proposta de tratar a *Verdrängung* (recalcamento) e a *Verleugnung* (o desmentido), na mesma perspectiva, isto é, “a neurose e a perversão são cicatrizes do recalcamento daquele complexo”(Édipo)¹⁹

Poder-se-ia dizer, então, que a perversão faria parte da estrutura da neurose e, face às argumentações aqui apresentadas, indagaria se também não da psicose. Caberia, pois discutir, no mínimo, a perversão como estrutura clínica e, dentro do contexto em que estamos tentando abordar, como ela se apresenta, principalmente, diante e através dos laços sociais hodiernos, considerando os atos paranóides ou paranóicos a que estamos submetidos pelas várias esferas do poder político, entre outros. Além, pois, da identificação, como proposto por Freud em sua abordagem da psicologia das massas.²⁰, colocaríamos também a crise da investidura simbólica como um dos fatores explicativos da persistência da paranóia como discurso do social.

Os enunciados teóricos de Freud proporcionaram um novo olhar sobre a perversão, até então restrito à sexologia do séc.XIX. Se desde 1444 a palavra fora usada com o sentido de retornar ou reverter, logo em seguida foi-lhe adicionada a conotação de deplorável, com sentido estrito pejorativo. A medicina tomou-a para si, dividindo-a com os estudos jurídicos, quando desenvolveu, em todo o séc. XIX, um aparato das perícias judiciárias.

¹⁶ Idem, ibidem, pág. 313.

¹⁷ Bernardes, Vagner Siqueira, Neurose e perversão, gêmeas do seu oposto, mim., UFRJ, 2001.

¹⁸ Idem, na Introdução da ob. citada.

¹⁹ idem, pág 11.

²⁰ Psicologia de grupos e análise do ego, 1921. Coleção Standard, Imago, Br, vol.XVIII.

Sem embargo, foi a partir do “Estudos sobre a histeria(1895), da publicação da “Interpretação dos Sonhos” (1899/1900) e com seu “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade(1905) que a sexualidade ficou definitivamente marcada como um estudo onde o psiquismo não pode mais prescindir da visão freudiana.²¹

Mesmo demonstrando cabalmente que haveria sempre um fundo perversos na sexualidade humana, somente em 1927, com a publicação do “O fetichismo” haveria de se constituir uma interpretação do funcionamento psíquico perverso. No fetichismo o sujeito evita a todo custo a experiência da castração e reconhecer a diferença sexual. A individualidade somente pode ser constituída como singular à medida que o sujeito da diferença se constitua:

“É insuportável para a individualidade perversa o fato de perder uma posição privilegiada no mundo, superior à de qualquer outro mortal, já que estaria munido das insígnias da falicidade resplandecente.(...) o horror provocado por seu reconhecimento tem efeitos devastadores na economia psíquica do indivíduo: fragmentação corpórea e psíquica, excesso de auto-vestimento narcísico..”²²

O outro, seja o corpo, seja o agregado social, não pode ser reconhecido como alteritário. Neste estilo perverso, a quantificação de orgasmos(gozos) se identifica ao capitalista que goza no mercado e com o mercado: o apetite pelo capital deve sempre se multiplicar infinitamente. Registra-se então a articulação necessária entre o estilo perverso e a problemática do poder. Se qualquer modalidade de poder visa sempre à dominação mencionada alhures, o exercício dele exige forma sutis de manipulação e maneiras de um “bem dizer” que disfarçaria sua onipotência e horror ao outro. Talvez por isso certos estamentos da sociedade pós moderna construíram poderosos instrumentos para perverter corpos e sujeitos, transformando-os em docilidades passivas. A cultura do narcisismo é marcada pelos mesmos operadores.

“ (...) assim, se a modernidade imprime no sujeito formas inéditas de regulação(...) não é de se espantar que isso transforme de fio a pavio a relação do sujeito com o corpo, o gozo e o imaginário”²³

Talvez aqui se estabeleça uma melhor compreensão entre a perversão e a política, se adicionarmos a elaboração da montagem perversa de que nos fala Calligaris²⁴:

“(...) eu diria mesmo que a formação perversa é o núcleo da nossa vidas social, da vida social do neurótico, pela razão que dizia antes: o fantasma perverso aparece como o único no qual, prontamente, o lado do sujeito tem já pelo menos dois lugares. A que outro título os neuróticos poderiam manter-se juntos, a não ser no fantasma perverso?”²⁵ (...) a perversão encontra a sua fenomenologia no campo do social o mais cotidiano, ou seja, tudo o que diz respeito à vida associativa”

Pergunto se tais montagens não justificariam os comportamentos (atos) paranóicos tanto dos agregados – galeras, "pit-boys", grupos "funks", sarados, etc., quanto dos senhores da guerra encapsulados nos fundamentalismos hoje correntes.

Agradeço a atenção de todo e aguardo manifestações da platéia.

²¹ Lanteri-Laura, Georges, Leitura das perversões, Jorge Zahar Editor, RJ, 1994.

²² Birman, Joel, Mal estar na atualidade – A psicanálise e as novas formas de subjetivação, ed. Civilização Brasileira, RJ, 2000, pág.261.

²³ Idem, ibidem, pág. 269.

²⁴ Calligaris, Contardo, Perversão, um laço social?, (brochura) conferência realizada em 25.07.1986, em Salvador, Ba.

²⁵ Idem, ibidem, pág. 13.